



Rede São Paulo de

Formação Docente

Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP
Ensino Fundamental II e Ensino Médio

São Paulo

2011



UNESP – Universidade Estadual Paulista
Pró-Reitoria de Pós-Graduação
Rua Quirino de Andrade, 215
CEP 01049-010 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 5627-0561
www.unesp.br



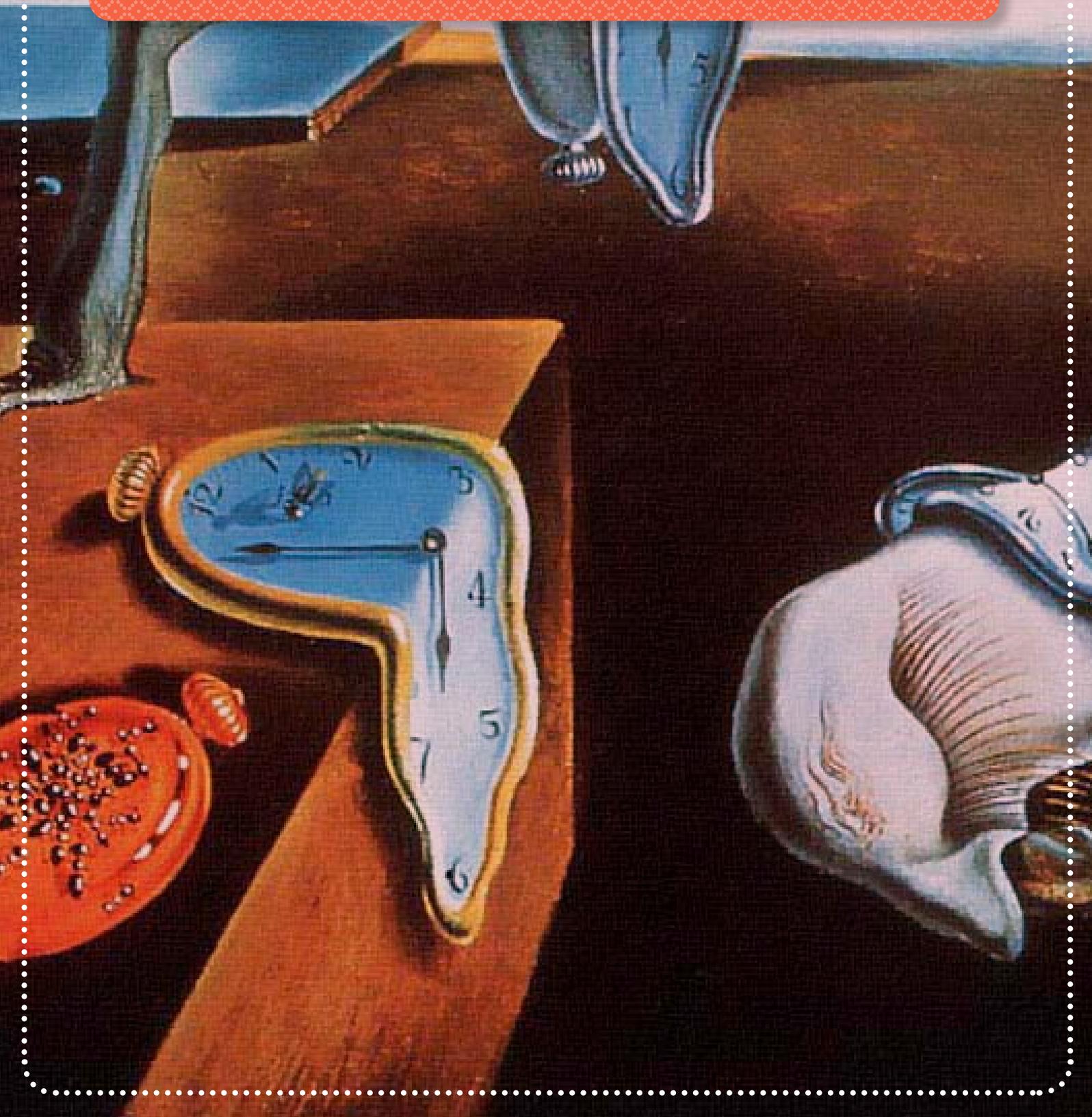
Governo do Estado de São Paulo
Secretaria de Estado da Educação
Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas
Gabinete da Coordenadora
Praça da República, 53
CEP 01045-903 – Centro – São Paulo – SP



**SECRETARIA
DA EDUCAÇÃO**



A palavra Criatividade
como conceito integrador entre
psicologia, artes e ensino de artes



Sumário

Vídeo da Semana	3
5. A palavra Criatividade como conceito integrador entre psicologia, artes e ensino de artes.....	3
5.1. Historicidade da idéia de criatividade	4
5.2. Abordagens contemporâneas sobre criatividade.....	7
Para finalizar as reflexões propostas nesta disciplina	11
Bibliografia relativa ao Tema 5	13

Vídeo da Semana



5. A palavra Criatividade como conceito integrador entre psicologia, artes e ensino de artes

A palavra criatividade é associada pelo senso comum à inventividade, à inteligência e ao talento, natos ou adquiridos, para criar, inventar, inovar, quer no campo artístico, quer no científico, esportivo ou no cotidiano profissional e doméstico.

Ainda não se conquistou um significado único e capaz de responder de forma definitiva a um entendimento único sobre criatividade. Porém, há convergência, tanto em nível de senso comum, como de estudiosos que o ser criativo é aquele que elabora novas respostas para desafios em todas as áreas. Como se chega a estas respostas é processo que continua um mistério.

Encontra-se hoje o consenso entre teóricos da psicologia, da educação, do campo da administração e gestão empresarial e da arte de que toda a pessoa pode ser criativa, mesmo em condições especiais de limitações físicas e psicológicas. Cada ser é capaz de criar suas respostas aos seus desafios de acordo com suas condições físicas, emocionais e, no caso dos seres humanos, de acordo com seus contextos culturais, seu repertório lingüístico e conceitual.

Neste momento final da disciplina, traremos fundamentos teóricos para circunstanciar a idéia de criatividade com o objetivo de auxiliar você, professor (a) de artes, a identificar potencialidades criativas de seus estudantes e de sua própria experiência docente.

O tema subdivide-se em dois tópicos: 1. historicidade da idéia de criatividade e 2. a contribuição da psicologia cognitiva para a reflexão sobre criatividade

5.1. Historicidade da idéia de criatividade

A origem etimológica da palavra criatividade é localizada em criar, do latim CREARE que significa erguer, produzir. Também aparece relacionada a CRESCERE, do indo-europeu KER, que significa aumentar, crescer. Esta é uma informação que pode ser encontrada em diversos dicionários. Traz originalmente, então, a ideia de uma obra que é criada e se desenvolve.

No pensamento grego da antiguidade, sobretudo a partir da obra de Platão e Aristóteles, temos duas imagens associadas à criatividade: a imagem de uma divindade que inspira atos criativos e a imagem da loucura. Em Aristóteles, esta junção entre loucura e inspiração divina pode ser encontrada em sua investigação sobre a felicidade. Na obra a Política (2006) e também na obra De Anima (2006) – sobre a alma – Aristóteles defende que a felicidade pressupõe o desempenho excelente da nossa função, tal como a saúde é o resultado de um bom funcionamento dos nossos órgãos. A essência do ser humano desenvolve-se pelo uso da inteligência criativa, tanto na construção do conhecimento como na expressão de sua conduta moral. Aristóteles formula o conceito de *eudaimonia* que significa uma vida feliz, não no sentido de satisfação imediata de desejos e prazeres, mas uma vida dedicada ao estudo e à inteligência criativa. O ser capaz de vivenciar a *eudaimonia* é inspirado pelos deuses. Os artistas e estudiosos que criam obras excelentes são semelhantes aos deuses. Uns e outros são capazes de criar a perfeição. A *eudaimonia* constrói-se; resulta da aprendizagem, do uso da inteligência criativa e necessita de sorte também, de amparo dos deuses para manifestar-se. A palavra *eudaimonia*

é composta pela palavra grega *daimon* ou *daimonion*, cuja origem etimológica está na palavra *daimon* derivada do indo-europeu *da* ou *das*, significando dividir, repartir e gerando outro significado: um ser que “reparte o destino dos humanos”. Na antiguidade grega, acreditava-se que cada pessoa tem um *daimon* ou um *daimonion* pessoal, um protetor que inspira obras e comportamentos. Um mesmo *daimon* inspira inteligência reflexiva e inteligência intuitiva, emocional, capaz de questionar e superar convenções e fazer surgir o novo, o surpreendente. Este é o fundamento de se associar a Aristóteles – e a Platão também – a ideia de que a criatividade resulta de inspiração divina que opera na direção da perfeição e resulta também da liberdade intuitiva e das forças não racionais associadas à loucura, à insanidade.

Somente no período helenista, após o império de Alexandre (356 a.C – 323 a.C), dividiram-se os *daimones* em dois grupos: os bons e os maus. Com o advento do cristianismo, a palavra grega *daimon* foi geralmente usada na Bíblia para se referir aos maus espíritos que, segundo as crenças judaicas e de outras culturas do Oriente Médio, possuíam vítimas humanas e animais para provocar doença e loucura e deviam ser expulsas por meio de exorcismos. A maioria dos milagres de Jesus e dos apóstolos refere-se a expulsão desses *daimones* ou demônios e a palavra acabou associada exclusivamente a espíritos malignos que, segundo os primeiros cristãos, habitavam os ídolos e fingiam ser deuses para iludir os pagãos.

Nossa cultura, marcadamente influenciada por referências judaico-cristãs, separa assim deus e demônio, o que era inconcebível segundo pensamento grego antigo.

Originalmente, portanto, tendo como referência sobretudo o pensamento de Aristóteles, podemos afirmar que ser criativo é ter o demônio dentro de si, é ser inspirado pelos deuses para gerar obra perfeita, o que não ocorre sem que este mesmo deus inspire, também, alguma espécie de insanidade, de liberação de forças intuitivas que permitem transgredir convenções e fazer surgir o novo.

Só para recuperar a historicidade da ideia de criatividade, vamos fazer um recorte tendo a Europa como cenário, porque, afinal, deste cenário saíram algumas tradições que marcaram o pensamento ocidental. Nosso recorte sobrevoa brevemente o renascimento cultural, o iluminismo e o romantismo.

Renascimento ou Renascença são os termos usados para identificar o período da história europeia aproximadamente entre fins do século XIII e meados do século XVII. É o momento em que a criatividade vem associada à possibilidade de o homem ver-se como deus, como capaz de criar ele mesmo obra semelhante ou aperfeiçoada com relação à natureza. O antropocentrismo que decorre da crítica ao pensamento teocrático formula concepção de homem como aquele que é capaz de pensar o mundo, dizer o mundo e reproduzir a perfeição com auxílio da razão. Nas artes, o Renascimento se caracterizou, em linhas muito gerais, pela inspiração nos antigos gregos e romanos, e pela concepção de arte como uma imitação da natureza, tendo o homem nesse panorama um lugar privilegiado. Seguindo as regras da razão, a natureza poderia ser bem representada, passar por uma tradução que a organizava sob uma óptica racional e matemática. Na pintura, tem-se a recuperação da perspectiva, representando a natureza por meio de relações geométricas.

Iluminismo foi o movimento cultural e intelectual europeu que, herdeiro do Renascimento, fundamentava-se no poder da razão humana para organizar a vida política, a cultura em geral, a pesquisa científica, a moral. Concebia o ser humano como capaz de ter consciência plena sobre seus erros e acertos por meio de educação e informação. A capacidade criativa do homem é exacerbada e as inúmeras produções filosóficas, científicas e artísticas dos séculos XVII, XVIII e XIX reforçam esta valorização do homem como ser capaz de controlar a natureza por meio do conhecimento, por meio da razão. A criatividade humana é, assim, submetida aos cânones da razão, às regras do esclarecimento. Criatividade pode ser entendida no contexto iluminista como a capacidade de matematizar o mundo, de identificar suas leis e de inventar mecanismos de controle das mesmas. No começo do século XIX, deixadas definitivamente para trás, especialmente no seu aspecto socioeconômico, as estruturas da civilização agrícola e artesanal e a visão medieval do mundo, a humanidade se encaminha para um rápido desenvolvimento industrial e para transformações socioeconômicas profundas, que trarão bem-estar, mas também graves problemas e profundos conflitos. No setor político, a revolução francesa assinala uma reviravolta decisiva, não só abatendo instituições políticas, sociais e religiosas, que pareciam intocáveis, e abolindo privilégios inveterados, mas também e principalmente propagando aqueles princípios que, preparados e elaborados através do longo trabalho da Idade Moderna, tiveram sua mais perfeita formulação na consciência iluminista do século XVIII. Estes princípios eram, em particular, os de liberdade, igualdade e fraternidade, destinados a transformar

as relações entre governados e governantes, entre classes dirigidas e dirigentes e também as relações dos cidadãos entre eles.

Com referência ao pensamento, o iluminismo, que foi hegemônico no século XVIII, mostra agora claramente os seus limites e começa a ceder o lugar àquelas instâncias espirituais que ele tinha ignorado ou reprimido. Já na segunda metade do século XVIII, a força da tradição recomeça a exercer o seu fascínio, e a história a revelar um valor novo; a beleza e o fascínio da religião reacendem o sentimento e o culto do divino. Em poucas palavras, exalta-se o que há de crítica ao predomínio da razão e o espontaneísmo é valorizado, assim como o poder dos sentimentos. O movimento romântico desenvolve propagando valorização da natureza em detrimento da vida cultural e urbana; sentimento e fantasia tornam-se fundamentos para a prática de ações heróicas e generosas e, neste movimento, o ser humano não mais é entendido como um ser superior aos demais, capaz de controlar por meio da razão, a natureza. Ao contrário, o romantismo entende o homem como um ser integrado à natureza.

O sujeito criativo é aquele que, em consonância com a natureza e seu ritmo, volta-se para sua interioridade e produz o que exacerba seus sentimentos e pensamentos. Os processos criativos não se confundem mais exclusivamente com as regras da razão, mas apóiam-se na singularidade de cada sujeito criador em compromisso com a natureza e com sua subjetividade.

A recuperação histórica dos diferentes significados elaborados em torno da palavra criatividade auxilia em uma genealogia cujo objetivo é questionar a idéia de criatividade como formulação universal, válida para qualquer contexto e que fundamenta tentativas de se construir escalas matemáticas capazes de medir graus de criatividade de diferentes indivíduos com intenção de distinguir pessoas mais ou menos criativas.

Este questionamento ganhará maiores condições de argumentação a partir do tópico que se segue, mediante contribuição da psicologia cognitiva.

5.2. Abordagens contemporâneas sobre criatividade

Neste tópico, trazemos autores que contribuíram para a elaboração de abordagens contemporâneas sobre criatividade. Começamos por autores do campo psicologia cognitiva ou da educação e seguimos com recorte que destaca autores que refletem sobre arte e cultura de forma geral.

Em outro trabalho de nossa autoria, comparamos as visões de Piaget e de Vigotski sobre o tema criatividade.¹

Ao discorrer sobre como acontece a criatividade, Piaget apresenta pressupostos e hipóteses decorrentes de sua concepção de conhecimento e de inteligência. Um primeiro pressuposto é de que inteligência é criação contínua. Assim, em cada estágio de desenvolvimento cognitivo, tem-se a produção de novas condições (estruturas) para conhecimento. Haveria processos criativos, de criação de novas estruturas, em cada etapa do desenvolvimento.

Outro pressuposto de Piaget: a inteligência não é cópia do real, não está representada no objeto a ser conhecido e resulta da ação do sujeito sobre o objeto.

Para Piaget, a criação do novo ocorre devido a um processo de abstração reflexiva. E esta hipótese é central para entendermos sua visão sobre criatividade. Ele distingue dois sentidos para a palavra reflexão: sentido físico, que sugere reflexo no espelho e sentido intelectual que sugere alguém na ação de pensar, refletindo sobre algo. Piaget entende que a abstração reflexiva é um processo que inclui os dois sentidos, ou seja, no ato de refletir, de pensar, de criar condições para conhecer, o sujeito cria representações que refletem o objeto conhecido em sua inteligência, em sua consciência, como se um espelho mostrasse à consciência o objeto agora conhecido, representado

Ao analisar as condições que seriam favoráveis para a criatividade, volta-se para a própria experiência e identifica três condições:

1. Inicialmente, trabalhar sozinho e suspeitar de qualquer influência de fora;
2. Em seguida, ler muito em diferentes áreas, sair de seu próprio campo;
3. Em terceiro lugar, dialogar com um adversário, tomar idéia de alguém como contraste.

Piaget nos leva a pensar na criatividade como um processo que resulta de esforços de nossa consciência e de nossa capacidade de abstração e reflexão crescentes de acordo com nosso desenvolvimento cognitivo. Assim, pode-se inferir que quão maior nossa condição de abstração reflexiva, maior nossa condição de criação.

1. CHRISTOV, L H S. Sobre a palavra criatividade: o que nos levam a pensar Piaget e Vigotski (2006).

Divergindo deste entendimento – de que nossa capacidade criativa está diretamente associada à nossa capacidade reflexiva – Vigotski afirma:

...Nem do poeta nem do leitor conseguiremos saber em que consiste a essência da emoção que os liga à arte e, como é fácil perceber, o aspecto mais substancial da arte consiste em que os processos de sua criação e os processos do seu emprego vêm a ser como que incompreensíveis, inexplicáveis e ocultos à consciência daqueles que operam com ela (VIGOTSKI, 2001).

Vigotski defende, ainda, a idéia de que o inconsciente não está separado da consciência por uma muralha intransponível, mas de que existe uma relação dinâmica, viva e permanente entre consciência e inconsciência, de forma que na criação estão sempre presentes elementos e processos que conhecemos bem, sobre os quais podemos operar reflexões e abstrações e processos desconhecidos, sobre os quais nada podemos pensar e dizer.

A leitura destes dois autores pode inspirar a compreensão de que não ensinamos alguém a ser criativo e sim convidamos esse alguém a manifestar sua criatividade em experiências de conhecimento e construção de linguagens. Tal processo contempla aspectos cognitivos, intuitivos, abstrações, consciências, inconsciências, hipóteses, dúvidas, avanços e retrocessos. Se com Piaget aprendemos que criamos ao conhecer, com Vigotski podemos mergulhar mais fundo nos mistérios desta criação, considerando aspectos não apenas racionais ou reflexivos como traz Piaget, mas também emocionais, intuitivos e inconscientes.

Outra pesquisadora sobre criatividade, Albertina Martinez, ressalta, em seu livro *Criatividade, personalidade e educação* a importância da dialética entre razão e emoção no processo criativo:

Nenhuma atividade criativa é possível ou explicável só por elementos cognitivos ou afetivos que funcionam independentemente uns dos outros. Atividade criativa é aquela de um sujeito que precisamente, no ato criativo, expressa suas potencialidades de caráter cognitivo e afetivo em uma unidade indissolúvel. E essa unidade é condição indispensável para o processo criativo (MARTINEZ, 1997).

Esta mesma autora traz outro fundamento valorizado por abordagens mais contemporâneas, além da relação dialética entre emoção e reflexão. Trata-se da concepção de que criatividade

é processo que se enraíza e se constitui para as sociedades humanas enquanto produtoras de cultura, ou seja, enquanto produtoras de linguagens e de universo simbólico que representa o continente de criações em diferentes campos e experiências.

Sem desmerecer a enorme importância que os fatores hereditário e biológico têm na determinação de capacidades específicas para obter sucesso relevante em alguns tipos de atividade, como, por exemplo, a música e o esporte, aceita-se cada vez mais que a criatividade, em seus distintos níveis de expressão e na grande maioria de formas de ação humana, não se baseia de modo substancial nesses fatores. (...) ...É precisamente função das influências histórico-sociais e culturais com as quais interage, que se constitui em determinante principal da criatividade e, mais especificamente, o fator psicológico como forma superior de organização do psíquico em sua função reguladora de comportamento (MARTINEZ, 1997).

Na mesma perspectiva, Fayga Ostrower defende que a cultura oferece as referências necessárias à criação artística e que por meio do trabalho, entendido em seu sentido mais amplo, a saber, como prática por meio da qual os seres humanos transformam a realidade natural e social em que vivem. A autora afirma que as possibilidades, normas e materiais próprios a cada área de trabalho, ao mesmo tempo em que limitam, também orientam a criação. São suas palavras:

A natureza criativa de um homem se elabora em um contexto cultural e que importamos mostrar como a cultura serve de referência a tudo o que o indivíduo é, faz, comunica, a elaboração de novas atitudes e novos comportamentos e, naturalmente, a toda possível criação.

(...)

A criação se desdobra no trabalho porquanto este traz em si a necessidade que gera as possíveis soluções criativas. Nem na arte existiria criatividade, se não pudessemos encarar o fazer artístico como trabalho, como um fazer intencional, produtivo e necessário que amplia em nós a capacidade de viver (OSTROWER, 2007).

Além de se admitir a criatividade como processo no qual convergem razão e emoção e ocorre profundamente enraizado em um contexto cultural, marca também o pensamento con-

temporâneo sobre criatividade a crítica ao estabelecimento de padrões universais, bem como à postulação de perfis de pessoas criativas e escalas com graus de criatividade para distinguir pessoas mais ou menos criativas.

Kneller adverte:

Existem, então, pessoas não criativas? Parece que não. O gênio e o homem médio talvez aparentem pouca coisa em comum, mas a diferença entre eles deve ser quantitativa. No gênio, a imaginação, a energia, a persistência e outras qualidades criadoras são mais altamente desenvolvidas do que no comum de nós, mas felizmente ele não possui monopólio delas. (...) ...Em outras palavras, a criatividade jamais pode ser totalmente predita porque em cada homem a criação é até certo grau singular e até certo grau produto de livre escolha. Não deixa de haver, certamente, no ato de criação um elemento de mistério que sempre fugirá à análise” (KNELLER, 1999).

Para o professor de artes, esta abordagem sobre criatividade faz pensar que não ensinamos alguém a ser criativo e sim convidamos esse alguém a manifestar sua criatividade em experiências de conhecimento e construção de linguagens. Tais experiências contemplam aspectos cognitivos, intuitivos, abstrações, consciências, inconsciências, hipóteses, dúvidas, acertos e erros. O desafio dos professores está no planejamento e desenvolvimento de aulas nas quais os estudantes sejam provocados a pensar; a relacionar conceitos próprios, é claro, de cada linguagem artística; a selecionar elementos simbólicos que expressem suas intenções; a explicitar critérios desta seleção; a expressar, sem receio de cometerem equívocos, seus insights e inspirações intuitivas. E, sobretudo, é importante o planejamento de ações que permitem o desenvolvimento da capacidade de leitura e diálogo com contextos e tempos nos quais devem criar respostas, soluções, hipóteses e artes.

Para finalizar as reflexões propostas nesta disciplina

A fronteira entre psicologia, arte e educação não é um lugar de respostas simples e imediatas, mas é lugar de problematização do humano. É o lugar da problematização, porque ocupado por habitações misteriosas como desejo, inconsciente e cognição. Cognição, por sua vez, não é povoada exclusivamente por motivações racionais e lógicas, mas é habitada também por percepção, emoção e criatividade.

Durante as cinco semanas de reflexão desta disciplina, propusemos uma aproximação desta fronteira por meio de um panorama sobre historicidade e atualidade destas habitações.

Em síntese, este panorama chama a atenção para a idéia de percepção como processo que entrelaça sensação e reflexão, processo de ser tocado pelo mundo e de pensar o mundo e que tem a marca da cultura. Em relações e trocas de significados, os seres humanos aprendem códigos para perceber o mundo e criam códigos novos para esta percepção. O sujeito percebe orientado por seu repertório cultural, mas ampliando este repertório também. Emoção é um impulso neural que move um organismo para a ação. Este impulso sofre transformações no emaranhado de realções socioculturais nos quais os seres humanos são inevitavelmente mergulhados. Os sentimentos seriam as diferentes formas assumidas por este impulso e estão fundados em valores, representações simbólicas e como tal na linguagem. Os sentimentos abarcam elaboração de valores e conceitos a respeito de emoções.

Criatividade como processo acessível a diferentes indivíduos desafiados por suas necessidades orgânicas, emocionais e intelectuais e no qual convergem razão e emoção. Assim como percepção e emoção, é processo que ocorre profundamente enraizado em um contexto cultural.

Bibliografia relativa ao Tema 5

- ARISTÓTELES. A política. São Paulo: Martin Claret, 2006.
- ARISTÓTELES. De Anima. Tradução, apresentação e notas de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.
- CHRISTOV, L. H. S. Sobre a palavra criatividade: o que nos levam a pensar Piaget e Vigotski? In: CHRISTOV, L. H. S. e MATTOS, S. (Org.). **Arte-educação: experiências, questões e possibilidades**. São Paulo: Expressão e Arte, 2006.
- GARDNER, H. **Arte, mente e cérebro**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- KNELLER, G. F. **Arte e ciência da criatividade**. 14. ed. São Paulo: Ibrasa, 1999.
- MARIN, A. J. **Educação, arte e criatividade: estudo da criatividade não verbal**. São Paulo: Pioneira, 1976.

- MARTINEZ, A. M. **Criatividade, personalidade e educação**. 3. ed. Campinas: Papirus, 1997.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Parâmetros curriculares nacionais: arte**. 3. ed. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 2001.
- NOVAES, M. H. **Psicologia da criatividade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1971.
- OSTROWER, F. **Criatividade e processos de criação**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- PIAGET, J. Criatividade. In: VASCONCELOS, M. (Org.). **Criatividade, psicologia, educação e conhecimento do novo**. São Paulo: Moderna, 2001.
- PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.
- PIAGET, J. **A equilibração das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- SPOLIN, V. A experiência criativa. In: _____. **Improvisação para o teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- VASCONCELOS, M. (Org.). **Criatividade, psicologia, educação e conhecimento do novo**. São Paulo: Moderna, 2001.
- VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- VIGOTSKI, L. S. **A psicologia da arte**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- VIGOTSKI, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- VIGOTSKI, L. S. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Ficha da Disciplina:

Emoção, percepção e criatividade:

a contribuição da Psicologia para Artes e Ensino de Artes



Prof. Dra. Luiza Helena da Silva Christov



Possui mestrado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (1992) e doutorado em Educação (Psicologia da Educação) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2001). Atualmente é professora assistente doutora do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. Realizou estágio de pós doutoramento junto à Universidade de Barcelona sob a orientação do prof. dr. Jorge Larrosa Bondia. Foi assistente de pesquisa da profa. Dra. Bernardete Gatti, junto à Fundação Carlos Chagas. Leciona Psicologia da Educação e Psicologia e Arte em nível de graduação e atua também junto ao mestrado em Artes do Instituto de Artes da Unesp. Orientou 16 dissertações de mestrado já defendidas. Coordena, no Instituto de Artes, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, financiado pela CAPES, com projeto de parceria com rede estadual paulista. Publica na área de formação docente. Assessora a Secretaria Estadual da Educação de São Paulo em diferentes projetos de formação e elaboração de material didático.

14

Ementa

A fronteira entre psicologia, artes e ensino de artes. Representações de senso comum sobre emoção, percepção e criatividade. Os conceitos de emoção, percepção e criatividade segundo diferentes abordagens da Psicologia e da Filosofia. A importância destes conceitos para a arte e para o ensino de arte. A importância destes conceitos para fundamentar planejamento do ensino de arte na perspectiva curricular da rede estadual paulista.

Estrutura da Disciplina

1. Diálogo entre psicologia e artes: um exemplo a partir da Contribuição de Freud

- 1.1. Conceitos chaves para dialogar com Freud
- 1.2. Construindo formas de entender artes: a contribuição de Freud

2. Psicologia e ensino de Artes

- 2.1. A contribuição de Vigotski para o ensino de artes
- 2.2. Projeto ZERO e teoria das inteligências múltiplas de Howard Gardner

3. A palavra Percepção e sua importância para o ensino de Artes

- 3.1. A palavra percepção e sua história
- 3.2. Percepção segundo a Gestalt

4. Emoção: outra palavra que interessa às Artes e ao seu ensino

- 4.1. Filosofia e psicologia pensam a palavra emoção
- 4.2. Emoção e conhecimento

5. A palavra Criatividade como conceito integrador entre Psicologia, artes e ensino de artes

- 5.1. Historicidade da idéia de criatividade
- 5.2. Abordagens contemporâneas sobre criatividade

15

Pró-Reitora de Pós-graduação

Marilza Vieira Cunha Rudge

Equipe Coordenadora

Cláudio José de França e Silva

Rogério Luiz Buccelli

Ana Maria da Costa Santos

Coordenadores dos Cursos

Arte: Rejane Galvão Coutinho (IA/Unesp)

Filosofia: Lúcio Lourenço Prado (FFC/Marília)

Geografia: Raul Borges Guimarães (FCT/Presidente Prudente)

Inglês: Mariangela Braga Norte (FFC/Marília)

Química: Olga Maria Mascarenhas de Faria Oliveira (IQ Araraquara)

Equipe Técnica - Sistema de Controle Acadêmico

Ari Araldo Xavier de Camargo

Valentim Aparecido Paris

Rosemar Rosa de Carvalho Brena

Secretaria

Márcio Antônio Teixeira de Carvalho

NEaD – Núcleo de Educação a Distância

(equipe Redefor)

Klaus Schlünzen Junior

Coordenador Geral

Tecnologia e Infraestrutura

Pierre Archag Iskenderian

Coordenador de Grupo

André Luís Rodrigues Ferreira

Marcos Roberto Greiner

Pedro Cássio Bissetti

Rodolfo Mac Kay Martinez Parente

Produção, veiculação e Gestão de material

Elisandra André Maranhe

João Castro Barbosa de Souza

Lia Tiemi Hiratomi

Liliam Lungarezi de Oliveira

Marcos Leonel de Souza

Pamela Gouveia

Rafael Canoletti

Valter Rodrigues da Silva